

O partido em Gramsci

Luiz Carlos de Freitas

Como citar: FREITAS, L. C. de. O partido em Gramsci. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci:** os 70 anos da morte de Gramsci. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 37-40. DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p37-40>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O partido em Gramsci

Luiz Carlos de Freitas¹

Para se compreender a concepção gramsciana de partido faz-se necessário levarmos em consideração o momento histórico vivenciado por ele e os embates internos no Partido Socialista Italiano (PSI), em que Gramsci iniciou sua militância político-partidária. A princípio podemos destacar dois momentos de compreensão de Gramsci sobre o partido político. Um primeiro caracterizado pela sua militância no Partido Socialista Italiano, de 1913 a 1919. Um segundo que se inicia a partir da experiência "derrotada" das greves que ocorreram em Turim nos anos de 1919 e culminam com seu desligamento do PSI e a criação do Partido Comunista Italiano em 1921

No período de 1913 a 1919 Gramsci teve uma militância comum dentro do PSI, até então não havia perspectiva revolucionária, a curto prazo, na Itália. A avaliação feita pela II Internacional, à qual era filiado o PSI, era de que não estavam dadas as condições objetivas para uma revolução proletária, portanto a disputa do parlamento seria o caminho para a tomada do poder. A revolução socialista na Rússia, iniciada em 1917, coloca em xeque esta visão. Contrariando as orientações da II Internacional, os bolcheviques tomam o poder na Rússia, mesmo este sendo um país de capitalismo extremamente atrasado. Teoricamente Lênin comprovou, através de seu escrito *Imperialismo: etapa superior do capitalismo*, que o capitalismo estava plenamente desenvolvido e, portanto já era possível derrotá-lo mesmo em países atrasados. O PSI, mantém, mesmo depois da tomada do poder pelos bolcheviques na Rússia, uma posição bastante apática com relação a revolução via organização das massas.

O socialismo italiano da época de Gramsci era vítima do 'esperismo', tanto da sua ala reformista, comandada por Filippo Turati, para quem a evolução econômica levaria ao socialismo (...) quanto da ala maximalista (defensora do programa máximo da social democracia), cujo líder, Serrati, dissera: 'Nós marxistas, interpretamos a história e não a fazemos', o que o levava a ficar à espera do 'grande dia' da revolução (SECCO, 2006, p.24).

Por este motivo, em 1919 Gramsci, juntamente com outros militantes do PSI, dentre eles Tasca, Togliatti e Terracini, iniciaram um debate interno no partido, tendo como principal instrumento da divulgação de suas idéias a revista, criada por eles, denominada *Ordine Nuovo*. Os textos publicados nesta revista, especialmente os de Gramsci, buscam demonstrar e convencer os militantes da necessidade da construção da revolução a partir do momento histórico em que estavam vivendo. Por isso vê nas organizações de trabalhadores já existentes na Itália, os embriões, por onde deve começar o processo de construção de um pensamento revolucionário que tencione a luta de classes para a tomada do poder.

Neste aspecto cabe observar duas questões relevantes para diferenciar o pensamento de Gramsci do pensamento do movimento socialista dominante naquele momento: percebe a importância da subjetividade para que a revolução ocorra de fato; e que já havia condições

¹ Mestrando em educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel-PR.

objetivas, pelo menos na Itália, de se organizar a revolução. A partir destas duas constatações, possíveis principalmente por causa do exemplo histórico dos bolcheviques, Gramsci se dedicará a pensar formas de instrumentalizar politicamente e cientificamente o proletariado para tomarem e assumirem o poder na direção do Estado.

Como deveria agir o partido diante desta realidade? Qual deveria ser sua função num momento de perspectiva revolucionária? Diante destas questões Gramsci passará a valorizar as iniciativas dos trabalhadores e enxergar o partido como um catalisador destas iniciativas, de forma dialética, influenciando e deixando-se influenciar pelas organizações proletárias de massa.

Gramsci inventa os Sovietes italianos procurando-os no movimento real, naquilo que já existe, isto é, nas Comissões Internas, que devem ser desenvolvidas e transformadas em organizações com um poder e com uma capacidade representativa muito maior (GRUPPI, 1980; p.74).

As greves ocorridas em 1919 na cidade de Turim apontaram os Conselhos de Fábrica como o órgão de representatividade legítima do proletariado. Estes conselhos ocuparam várias fábricas e passaram a dirigi-las, demonstrando uma alta capacidade organizativa dos operários. Isto leva Gramsci a entender os Conselhos de Fábrica como Lênin compreendeu os Sovietes na Rússia pré-revolução socialista. Ou seja, Lênin tinha clareza de que o partido não conseguiria atingir a massa como os soviets conseguiram, por isso seu lema "*Todo poder aos soviets*". Gramsci terá a mesma compreensão com relação aos conselhos de fábricas, afirmando que estes demonstram capacidade de dirigir a massa e que o partido deve então estar junto deles, visto que os militantes alcançados pelas organizações dos conselhos de Fábrica, são um número muito maior do que os militantes do Partido Socialista.

A partir deste entendimento a questão que se coloca ao partido socialista é: como estreitar as relações políticas com os Conselhos de Fábrica? Na visão de Gramsci e do grupo da *Ordine Nuove* o papel do partido seria o de radicalizar o processo de ocupação das fábricas pelos conselhos através de uma formação teórica e do convencimento político, levando sempre em conta a experiência concreta surgida dos próprios operários.

O que Gramsci desenvolve neste caso é uma concepção de partido muito próxima da concepção que Lênin desenvolveu em sua obra "*Que Fazer?*", para a Rússia, em 1902, principalmente no que diz respeito às críticas à social democracia. O PSI não passava de "um pobre tabelião que registra as operações realizadas espontaneamente pelas massas" (GRAMSCI, IN: GRUPPI, 1978, p.56). Para Gramsci o PSI estava impossibilitado de influenciar na formação da consciência revolucionária do proletariado. Esta impossibilidade não estava ligada às questões objetivas do desenvolvimento histórico do capitalismo, como afirmavam os dirigentes do partido, mas à concepção de partido assumida pelo PSI. O PSI

move-se, e não pode deixar de fazê-lo, preguiçosa e tardiamente: expõe-se continuamente ao perigo de transformar-se em objeto de conquistas de aventureiros, de carreiristas, de ambiciosos. Por causa de sua heterogeneidade, nos inumeráveis atritos de suas engrenagens, não está nunca em condições de assumir o peso e a responsabilidade das iniciativas e das ações revolucionárias, que os eventos incessantemente colocam diante dele (Idem, p. 56).

Este modelo de partido também foi duramente atacado por Lênin no período do governo provisório russo, após a revolução democrático-burguesa de março de 1917. Em "*As Teses de*

Abriu' podemos ver a seguinte declaração de Lênin ao expor sua primeira tese, tratando sobre a questão da guerra:

Não somos embromadores. Devemos apoiar-nos tão somente na consciência das massas. Se é necessário permanecer em minoria, pois bem, fiquemos em minoria. É conveniente, às vezes, recusarmos a ocupar uma posição majoritária, não podemos ter medo de ficar em minoria" (LÊNIN, 1967, p. 21).

O partido, tanto para Gramsci quanto para Lênin, deveria dar conta de criar um núcleo centralizado com sólida formação política e disposição para a luta revolucionária e ao mesmo tempo manter a ligação com as massas para elevar sua consciência sem, contudo, tirar sua capacidade criadora.

Diante deste desafio é que Gramsci lançará mão de um aprofundamento do conceito de hegemonia, enquanto um dos principais aspectos a ser trabalhado pelo partido que pretende tomar o poder e destruir as estruturas do capitalismo, construindo em seu lugar o socialismo.

Gramsci recupera explicitamente o conceito teórico-prático de hegemonia, tomado de Lênin. O contexto que preside a essa recuperação revela-se tão esclarecedor quanto uma simples análise interna de seus componentes (BUCI-GLUCKSMANN, 1980, p.229).

Embora Lênin tenha trabalhado com este conceito, acaba por não se prender em uma análise mais sistemática sobre isto. Dado o momento histórico russo, às vésperas da tomada do poder pelo proletariado e a necessidade de se combater a direitização do marxismo provocada pela II Internacional, Lênin se vê obrigado a enfatizar exaustivamente a defesa da ditadura do proletariado..

O que Gramsci faz é alargar o conceito de hegemonia já defendido por Lênin,

(...) Gramsci – quando fala de hegemonia – refere-se por vezes a capacidade dirigente, enquanto outras vezes pretende referir-se simultaneamente à direção e à dominação. Lênin ao contrário, entende por hegemonia, sobretudo a função dirigente (GRUPPI, 1978, P. 11).

O conceito de hegemonia em Gramsci, como destacado acima, diz respeito não apenas à ditadura do proletariado enquanto força de coerção, mas também enquanto um mecanismo de convencimento de classes sociais divergentes a trilharem juntas um mesmo caminho.

É necessário então todo um processo afim de que as classes subordinadas fiquem autônomas, se dêem um partido, uma linha política, uma concepção cultural. Então conquistada esta autonomia, lutam para ficar hegemônicas, dirigentes. Elas podem ficar hegemônicas ainda antes da conquista do poder, isto é, podem difundir em toda a sociedade sua própria concepção não só política, mas cultural. A hegemonia se conquista antes da conquista do poder, e é uma condição essencial da conquista do poder (GRUPPI, 1980, p. 82).

A formação de uma consciência proletária na Itália, avalia Gramsci, é uma condição necessária para a revolução. Portanto o papel do partido político se faz extremamente importante na condução do proletariado para a construção de um projeto hegemônico de sociedade, mesmo antes da conquista do poder. Podemos então concluir que Gramsci pensa o partido como um agente educativo das massas e não somente como um dirigente político destas.

REFERENCIAS

BUCI-GLUCKSMANN, Christinne. *Gramsci e o estado*. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1978.

_____. *Tudo começou com Maquiavel – as concepções de Estado em Marx, engels, Lênin e Gramsci*. Trad. Dario Canali. 3ª ed. Porto Alegre-RS: L&PM Editores Ltda, 1980.

Lênin, Vladimir Ilitch. *As teses de abril*. Texto traduzido da versão francesa. In: *As palavras que abalaram o mundo: antologia bolchevique, 1917-1924*. Edições du Seuil: Paris, 1967.

SECCO, Lincoln. *Gramsci e a revolução*. São Paulo: Alameda, 2006.